

# O RABUGENTO

PERIODICO LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

POR UM ANNO. . . . 10<sup>000</sup> — POR SEIS MESES . . . 5<sup>500</sup> — POR TRES MESES. . . 3<sup>000</sup>

## O RABUGENTO

### III.

Na esphera em que nos achamos, nós, que não podemos ter a pretenção de observadores, porque para isso nos faltam conhecimentos precisos, somos todos os dias, forcados, ou antes arrastados, a censurar a nossa sociedade. Talvez sem motivo justo; mas, somos moços com mania de velho, e a robugento instiga. Por isso ralhamos.

Sabemos, e temos ouvido dizer, que pretendemos reformar a sociedade, como se fossemos palmatória do mundo.

Perém, se manifestar idéas, que sendo observadas, podem con correr muito para o aperfeiçoamento dos nossos costumes, é uma falta, resta-nos a glória de ter sido precedidos por muitos outros, que quanto mais habilitados tanto mais discretos deviam ser: calando quando vissem a sociedade caminhar (como apesar disso caminha) sobre as ruinas da moral e pela estrada da corrupção.

Tanto mais se procura observar, tanto mais se aprende. E' isso que fazemos.

Nunca diremos: a sociedade acompanha-nos. Não, isso seria exigir della muito.

Dizemos apenas: a sociedade podia ser boa, se fosse assim; se caminhasse por esta ou aquella vereda.

Na esphera em que nos achamos, repito, não podemos com vantagem criticar; mas podemos com vantagem observar. E a verdade é o primeiro passo dado para a posse daquillo que um dia poderemos alcançar.

Se quizermos ser bom, não nos podemos furtar ao conhecimento do mal, que extrema a virtude do vicio.

E pensando a nosso respeito, perguntamos a nós mesmo: devemos ou não responder aos que por seu turno nos censuram? Não.

Escrivemos como fallariamos, e como fallamos sempre que urge essa necessidade, para quem nos quer ler, para quem nos urge ouvir. E quem ralha não nos ouve. Quem nos acompanha e nos ouve, são aqueles que connosco convivem; para esses as nossas doutrinas servem, estão no seu dialecto.

Desses, os que quizerem observar o que escrevemos, revelarão o desejo de chegarem ao conhecimento do bem; e não satisfeitos connosco, buscarão melhores escriptores e melhores oradores. Os que não quizerem observar são dignos das nossas censuras, e se gritarem, desprezo e mais desprezo.

Agora dito isto, passemos adiante.

Mercê de Deus, não fomos criado no seio de uma cidade onde

a corrupção corre parelha com a civilização; e por isso nos espanta ver uma bella sociedade, não de mancebos rusticos, crespidos pelo sol, nos campos onde descalços luvram a terra; mas de bellos e esbeltos jovens, de physionomias expressivas, se bem que um pouco abatidas pelo excesso de seus gosos desregrados.

Esses jovens de cutis flancos e mimosas, maos que ao contacto confundem-se com o das luvas, pés que gemem comprimidos por pequenos e estreitos sapatos, correm desenfreados, por essa estrada escorregadiça, flanqueada pelo vicio, e que vai ter no seio da corrupção, atraç d'um feitio goso.

Não esse goso necessário á vida, onde a casta moral, de mãos dadas com a simples innocencia, distribue o prazer prolongando com elle a vida. Mas, esse goso quo mata, que inbota a intelligencia, degrada o homem, suplanta os costumes, lucta e vence o pudor e o sentimento, e inerva oente para o qual depois não ha salvacão possivel.

A mocidade precisa de guia, como a planta necessita de seiva; e é mostrando os defeitos e os erros da sociedade, que ella pôde evitá o contacto do mal. A censura nunca foi uma offensa, quando em termos habeis. O povo não pôde nos grandes livros, (nem nós os temos) estudar os costumes. Ele pôde observando se a si mesmo, evitar os defeitos; e teso já é muito. Eis o que nós queremos; eis o que nós fazemos. E' apenas despertar a atenção dos mais entusiastas dos bons costumes.

Inda hontem spontâneo a nossa falta de atenção para com os nossos hospedes, e dizíamos ser isso devido á mescla da nossa sociedade: ah! veio o facto provar a nossa observação. O Pascoio Pùblico foi o theatre dessa vergonhosa scena.

O nosso povo é naturalmente hospitalero e amante do bello. Perém ha entre nós um germão de discordia, o maldito indiferentismo de alguns, que arrasam consigo os menos experientes. Conhece-se isso pela analyse feita á nossa sociedade.

Out'ora via-se um joven na rua ao lado de seu companheiro, ás vezes em calorosa discussão e empenhado em uma luta nobre e justa. No entanto esse joven que altercava, não deixava escapar uma frase menos digna e da qual tivesse de envergonhar-se.

Hoje vê-se em uma praça dous moços a conversar, sem necessidade e por simples gracejo, fazem uso dos termos mais ignobres e indignos da boca de um mancebo bem educado, e só proprios de um marinheiro.

E quantas vezes, reunidos por baixo de uma janella de um sobrado, não offendem elles os ouvidos das familias, com a sua moral? E quantas vezes, nutrindo ainda algum sentimento de pudor, esses moços não têm de se envergonhar ao conhecerem essa familia, que às vezes tambem os conhece?

E perguntamos: teriam esses jovens occasião de envergonhar-se, se sua boca estivesse habituada ás phrases polidas e proprias d'uma sociedade illustrada?

## MISCELLANEA.

## VERDADES VERDADEIRAS.

Ha duas rivaes no mundo  
Qual dellas a mais malina ;  
Leitor, não rias; tu sabes  
Que é a morte e a medicina.

Em verdade, não ha duas pestes peiores, e se alguma causa quizerem tirar-lhes da ruindade, ha de ser á primeira, que mais humana do que a segunda, faz cessar os nossos sofrimentos, em quanto que a ouira os augmenta.

Os homens, emulos sempre  
Do que faz a mão divina,  
Vendo que ella a morte dava,  
Crearão a — medicina.

E caso averigundo, e tanto que :

De guerreiros milhões mil  
Sobre o campo do heroísmo,  
Menos gente dão ás campas  
Do que dá um — aphorismo !

E se julgam que não é como digo, dêm-se ao trabalho de ler o que os proprios medicos os *mais conscienciosos* têm escripto a respeito do officio, a que os formados dão tão impropriamente o nome de *sciencia* !

Mas a par dos que alguma consciencia têm, ha-os sem nenhuma, o que não admira, por isso que :

A tres sujeitos, função  
Traz sempre da morte o erro,  
Chuxa o medico a porção,  
O inventario o escrivão,  
E o padreco, o enterro !...

Vê-se que o negocio dá para muitos, e que os tempos correm hoje de um modo que não se pôde desprezar o que rende. Eu é que talvez deixe de dizer com tanta franqueza o que sinto, porque, se de um lado faço bem, posso por outro fazer mal aos que tranquilmente vivem da morte, e dashi o remorso incessante que não me deixaria.

*Dr. Fagundes.*

## POESIAS.

## INTIMA.

Como custa, meu Deos, passar a vida  
Sem crença, sem amor, sem fé na sorte !  
Procurando um alivio a magoa austera,  
Que nos plantou no peito, á mão da morte.  
  
Se na lage, meu Deos, da sepultura,  
Podesse penetrar amargo pranto;  
Pudera traduzir nas phrases mudas,  
O amor que perdi, mais puro e santo...  
  
Ah ! quanto perdi !... perdendo aquella,  
Por quem troquei a mocidade inteira !  
Por quem chorei, prostrado ante seus pés,  
Quem foi de minha angustia a companheira !

Quero vê-la, meu Deos, inda qu'eu saiba,  
Voltar com ella ao gelado leito,  
Quero arrancar a vida n'um suspiro,  
Mas, preso ao regaço de seu peito !

Quero ter sua mão unida á minha,  
Fria assim como á vi, como toquei ;  
Não quero ausente e só, a luz do mundo,  
No qual unido a ella goso achei !

Debalde busco rir, cantar alegre,  
A tristeza me falla ao coração ;  
A voz morre ao nascer, um ai escapa,  
Da magoa e da saudade traducção !  
  
Para que me illudir, pensando ao mundo  
Enganar nos meus risos d'alegria !...  
Se sabe quem me vê, quanta amargura,  
Faz do meu pobre peito á moradia !  
  
Corra o pranto, meu Deus ; á ella o devo...  
Exprima a minha lyra o sofrimento !...  
O canto seja triste, como é triste,  
Do leito onde ella dorme o isolamento.  
  
Quanto riso, meu Deos, junto á margura  
Nos lábios a tremer quanta mentira ;  
Fuja de mim agora o fengimento,  
Se soffro e se ainda choro, gema á lyra !...

20 de Setembro de 1862,

II. H. COURTAZ.

## ANONYMAS.

VEM

A. H.

Vem innocenté criança ;  
Eu abro os braços á flor !...  
Mas, não pensas na mudança,  
Da primavera o calor ?...  
  
Na primavera é a vida  
Um lindo botão fechado...  
No verão... haste pendida,  
Um pouco mais desbotado !  
  
Se ha calor em demasia,  
Se abre o lindo botão...  
Perde ou ganha a poesia ;  
Tu serás feliz ou não !...  
  
Inda é cedo criancinha ;  
Mas se queres, vem, te espero...  
A dor inda me desfina ;  
Receio um fado severo...  
  
Mas, se queres, vem, te aceita  
Minha alma, inda não consou ;  
Mas, não pensest estar desfita  
Saudades que outra deixou !  
  
Se queres viver comigo,  
Meus cantos t'hão de servir !  
Mas inda mesmo comigo,  
Saudades hei de sentir !!

Sei qu'és perfeita menina,  
Sei qu'és bella e virtuosa;  
Mas é chorar minha sina,  
Deixa-me chorar e goza.  
Mas, vem querida, que o vale,  
Sobe de veras amar!  
E aqui vés o quilate,  
D'amor que te posso dar!

Março de 1862.

E.

## RATICES DA SEMANA

CARTA DE D. QUIXOTE AO SEU COMPADRE — RABUGENTO.

Meu compadre *Rabugento*:  
Constou-me que o *Tinoco*  
Foi procurar outro ofício,  
Que lhe rendesse mais côco.  
Cansado de ser *ratão*,  
Pediu sua demissão.  
Dizem uns (valha a verdade)  
Que elle foi dar milho ao gallo;  
Outros pensam, e o vão dizendo,  
Que foi dar agua ao cavallo;  
Alguns têm razão p'ra crer,  
Que elle vidro foi moer.  
Heis-me aqui em seu lugar  
Para as *Ratices* escrever,  
Mas temo fazer fiasco  
Por ter pouco que dizer;  
Só se der notícias *várias*  
Tiradas das folhas diárias.  
Assim mesmo ahi lh'as mando  
Em chulo verso quebrado;  
« Quem dá aquillo que tem  
Não é a mais obrigado; »  
Se não lh'cs achar merecimento,  
Queime-as ou bote-as ao vento.  
Morreu compadre a giboa.  
Não de morte natural;  
Mas vítima sacrificada  
Por um possante rival;  
Morreu de raiva, sentida  
De ser por elle excedida.  
Mandaram a lingua á gazeta  
Que moralisa a imprensa,  
« Que vive neste paiz  
Em desregrada licença, »  
Segundo disse em sessão  
Um eleito da nação.  
Os apostolos desta seita  
Fazem o chaos surgir a luz,  
E para o povo edificar  
Cada um traz sua *cruz*;  
Para moralizar o Sayão,  
Veio agora o *Escorpião*.

Uma notícia agradável  
Vou dar em compensação:  
A morte do peixe-vacca  
Foi um grande carapetão;  
O negocio é de segredo  
Mas vou conta-lo sem medo.

Quando todos prantecavam  
Uma morte tão sentida,  
Passava o grande herói  
A mais regalada vida;  
Servindo de complemento  
A um estupendo invento.

O mano lá do Passeio  
Combinou com o salva-pinga  
Confiar-lhe o peixe-vacca  
Para experimentar a seringa;  
Invenção d'ala echola  
Que fugiu lá da argola.

Breve teremos de ver  
O fructo das seringadas,  
Dizem que hão de nacer  
Os peixinhos ás cambadas;  
Que glórias p'ra o inventor  
E p'ra o seu collaborador.

Compadre, cá neste mundo  
Não ha perfeita ventura,  
A par de um gosto um desgosto.  
Acompanha a eratura;  
Tal foi a sorte fatal  
Do emprezario jardineiro.

Quando em repouso gozava  
O fructo de seu trabalho,  
Apparecem na *Semanal*  
As cartas a F. I. Alho;  
Primeira decepção  
Que sofreu seu coração.

Não parou porém ahi  
Dos zoilos a diabura;  
Logo no numero seguinte  
Veio uma caricatura;  
Cousa torpe e indecente  
Capaz de matar a gente.

Não ha glória terrestre  
Que não ache detractores;  
Alma grande não se curva  
Ao peso dos dissabores;  
Além, na posteridade  
Está o premio da verdade!

Ria-se o nosso homem  
Do que o mundo dizia,  
Confiando na experiençia  
Das seringas, que fazia,  
Eeo o seu mimoso jardim  
Espurgava do campim.

## O RABUGENTO

Eis que por fatalidade  
Apparece a hespanholada  
Corre ao Passeio a ouvi-la  
Gente grande e a cambada:  
Apesar do regulamento  
Entra de moleques um cento.

Nunca se viu tal destroço  
Em um jardim inglez;  
Arrancaram as plantas  
Assustaram o peixe rez,  
Por sobre a gramma pisaram  
E a musica apedrijaram.

Abro aqui um parenthesis  
Para á policia perguntar  
O que disse o estrangeiro  
Que se viu assim tratar?  
Foi um bonito padrão  
De alta civilisação !

Perém amigo compadre,  
O consolo que me resta  
E' que lá pela estranja  
Cousa alguma tambem presta.  
Segundo diz um doutor  
Profundo observador.

Teremos de ver pela prôa  
Algum Biard marinheiro  
Escrevendo cartinhas  
Daqui para o estrangeiro,  
Dizendo em lingua apurada  
Que de bom não achou nada !

O amor do torrão patrio  
Nos faz ás vezes, compadre,  
Dizer muita cousa falsa,  
Julgando ser a verdade;  
Tudo que é nosso seduz:  
« Nem tudo que é ouro luz. »

A propósito de luz,  
O que quer dizer o aviso  
Em que a companhia do gaz  
Deu mostra de pouco sizo?  
Julga que o povo é calouro  
Para lhe pagar em ouro?  
E' sombria a luz do gaz,  
Peior que a de azeite de peixe;  
E não quer a companhia  
Que o povo de tal se queixe,  
Quer que pague a vinte sete  
A espiga que lhe mette!  
Pense bem a assembléa  
Da província do Janeiro,  
Quando contratar o gaz  
Come emprega seu dinheiro;  
Cuidado com o patronato  
Olhe que sai caro o barato.

Fui compadre, á exposição  
Das artes que dizem nobres,  
Cousa boa e que vale a pena  
Por não ter que gastar cobres;  
E' idéa animadora  
E das artes protectora.  
Ha ahí diversas obras  
De merecimento real:  
O que junto a screm todas  
Obra de nacional  
Prova que o nosso paiz  
E' melhor do que se diz.  
Assim se désse, compadre,  
Aos artistas protecção,  
Como de certo teve em vista  
O autor da exposição.  
Oxalá que imitadores  
Ache elle entre os — senhores.  
Existe ou deve existir  
Uma empresa nacional,  
Que recebeu loterias  
(De que já não ha real)  
Para um theatro edificar  
E em portuguez cantar.  
E' tambem sua missão  
O proteger os autores,  
Fazendo exhibir-lhe as operas  
Por nacionaes cantores;  
Mas como se illude o povo  
Que o digo o Elias Lobo.  
Os nossos theatros dramaticos  
Continuam em apathia,  
Uns mata os a indiferença,  
Os outros morrem de azia ;  
P'ra entretener os Vasbaques,  
Já não servem Martinho e Vespas.  
Atacados á algum tempo  
Da praga da deserção,  
Perderam bem bons actores,  
Entre elles um palhaço ;  
Mas se alguns voltam o rosto  
Outros querem morrer no posto.  
Entre elles veio um  
Com seus laivos de pedante,  
Declarar pela imprensa  
(Querendo fazer de importante)  
Que ao theatro em que trabalha  
O seu apoio não falha!  
Acabo aqui esta carta  
Men compadre Rabugento.  
Se seus leitores não gostarem,  
Deitei palavras ao vento;  
E ao depois passa-lhe um trote  
Seu compadre D. QUIXOTE.